



EDUCAÇÃO CRÍTICA E A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL: RELATO E ANÁLISE DE UM MINICURSO DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE DOCENTES

Eixo Temático: Formação inicial, continuada e valorização dos profissionais de Educação

Forma de Apresentação: **RESULTADO DE PESQUISA E RELATO DE VIVÊNCIA**

Aline Martins Moreira¹
José Henrique Silva Rodrigues²
Rogério Micaela³
Marina Battistetti Festozo⁴

RESUMO

O presente trabalho visa relatar uma experiência formação de professores que buscou aproximar os conhecimentos das vertentes críticas da educação com questões étnico-raciais, dando ênfase à produção de autores de matriz africana. Para isso, foi desenvolvido um processo formativo junto a discentes do Programa de Residência Pedagógica do Subprojeto de Biologia da Universidade Federal de Lavras (UFLA) que culminou num minicurso em EAD organizado pelos próprios docentes em formação – inicial e continuada. Por meio de um formulário de perguntas aos participantes, realizou-se uma análise qualitativa dos dados, a fim de categorizar as impressões gerais sobre o curso e sua contribuição para o ensino. Tem-se que a criação de atividades como essa, facilita a concepção de uma prática pedagógica humana e crítica e transformadora.

Palavras-chave: Residência Pedagógica Biologia. Diálogos África-Brasil.

INTRODUÇÃO

A educação pública brasileira advém de um sistema político hegemônico, adaptado para suprir as necessidades de grupos dominantes e suas compulsões pelo controle do poder na contemporaneidade. Na escola, a magnitude perversa do capital se desdobra em diferentes vertentes, desde a estrutura física dos espaços até a alimentação de crianças e adolescentes que frequentam o local. Diante de uma perspectiva cultural, as questões de gênero, raça e classe podem ser alvo de uma importante pesquisa no que diz respeito à formação inicial de professores, estendendo-se a educação continuada como meio de impulsionar as discussões acerca dos temas, identificando possíveis

¹ Professora de Ciências e Graduada em Pedagogia. Prefeitura Municipal de Lavras e Instituto Federal do Sul de Minas, Campus Muzambinho.

² Graduado em Ciências Biológicas Licenciatura. Universidade Federal de Lavras.

³ Doutorando no Programa de Plantas Mediciniais. Universidade Federal de Lavras.

⁴ Professora Dra. Departamento de Biologia (DBI). Universidade Federal de Lavras.



problemáticas para reconstruir a identidade escolar como um todo.

De acordo com Mbembe (2016, p. 8):

Na realidade, as ligações entre a modernidade e o terror provêm de várias fontes. Algumas são identificáveis nas práticas políticas do Antigo Regime. A partir dessa perspectiva, a tensão entre a paixão do público por sangue e as noções de justiça e vingança é crítica.

Essa afirmação traduz a veracidade da necropolítica, termo que segundo o autor está difundido na sociedade atual, porém fragmentada - a escola (ROCHA, 2005) participa ativamente como um desses fragmentos, ideologicamente proposta como um campo minado, de razões alienantes que propõe uma série de rivalidades no âmbito cultural e didático-metodológico. Sendo assim, várias raízes contribuem para que grupos sejam divididos e subdivididos corroborando moldes de soberania tipicamente segregacionistas. Observando ainda as anotações destes, o que vemos é uma urgência na proposição de recursos que reforcem a teoria de um sujeito social, que se libertou da opressão ao tomar consciência do seu próprio papel e da relação de convergência entre os indivíduos (FREIRE, 1968).

O programa de Residência Pedagógica no subprojeto de Biologia UFLA busca formar docentes que consigam lidar com essas incoerências e desenvolver uma prática pedagógica contra hegemônica, driblando o tradicionalismo pedagógico à medida que insere contextos reais para os debates, aproximando-se de uma tendência crítica. Para compor um dos eixos do projeto, a temática étnico-racial foi abordada a partir de encontros formativos buscando construir diálogos África-Brasil, trabalho mediado por um discente da Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental. Tal trabalho possibilitou aprofundamentos teóricos da luta antirracista e das particularidades do que se entende por raça e colonialidade, ao diagnosticar as intercessões desses elementos de matriz africana com políticas de desumanização. A partir do módulo teórico-prático, os residentes foram convidados a elaborar obras artísticas para utilização em sala de aula, descrevendo o histórico africano até a colonização e demonstrando as consequências do modelo escravagista como problematização para tais intervenções.

Ao nos depararmos com as manifestações de poder intrínsecas e a ineficácia, não só do ensino de biologia, como também, da maioria dos componentes curriculares, pôde-se os próprios residentes passaram a trabalhar na elaboração de um minicurso de extensão na formação inicial e continuada de professores, relacionando conceitos da cultura e do aparato de dominação europeia na população negra, sua ligação com o colonialismo (FANON, 1968) (embate colono-colonizado) e as interpretações biológicas que fomentaram leis para exclusão de determinada camada social. Como já dito, a escola ainda parte do pressuposto secular que aumenta as distâncias da diversidade, nesse caso em específico, existindo para o racismo. O objetivo principal do minicurso foi dispor de argumentos sócio científicos para elucidar a verdadeira face de um plano educacional que mata e que mesmo assim, é utilizado como propaganda de um ensino de qualidade. Extrapolando as barreiras academicistas engessadas e demonstrar propostas contra hegemônicas, dissecando o diálogo África-Brasil na formação de professores.

MATERIAL E MÉTODOS

O curso foi realizado em um encontro online na plataforma Google Meet, tendo em vista o cenário epidemiológico da época com inscrições abertas no Sistema



Integrado de Gestão (SIG). Este teve duração aproximada de três horas e contou com 4 palestrantes coordenados pela professora orientadora, todos integrantes da Residência Pedagógica. Os participantes eram membros entre internos à Residência Pedagógica e também professores da rede e outros interessados na temática. As abordagens se enquadram em dois eixos centrais previamente definidos: I) Colonização e colonialidade e II) Ancestralidade e cultura.

No primeiro eixo, a música “Zumbi”, de Jorge Ben Jor foi escolhida para que os participantes pudessem fazer um resgate histórico dos principais pontos de rotas de escravos e as localidades ímpares para resistência durante o período. Foi verificada também a importância da figura de Zumbi dos Palmares, bem como personagens das proximidades de Lavras, a exemplo de José Luiz de Mesquita, homem que recebe em sua homenagem seu nome em uma das escolas da cidade. Foi apresentada uma obra (FIGURA 1) produzida por uma residente, que traçava elementos da colonização europeia na moldura (moedas, um terço e uma corrente) sendo paradoxalmente perceptível com outros símbolos da cultura africana (chocalhos de cascavel, folhas e uma concha). O desenho faz uma releitura do movimento antropofágico no Brasil na personificação da pintura “Abaporu” de Tarsila do Amaral em que na cena proposta por aquela, um homem negro está acorrentado a uma árvore de baobá. Em seguida, foram enunciados dados estatísticos da população negra nas escolas e no mercado de trabalho, um cenário injusto e discrepante para o mundo em que vivemos

Figura 1. Colônias no País dos Espelhos. Uma História de Amor e Fúria.



Fonte: Cortesia de Luciana Vilela, 2021.



O segundo eixo foi responsável por apresentar um pouco da cultura africana (danças, alimentos e contos) como meio de sugestão metodológica para aulas no ensino fundamental e médio. Uma das danças em questão tratou-se do festival do Cavalo-marinho, muito imponente na ancestralidade pernambucana como símbolo de resistência.

Para avaliação dos resultados e uma possível discussão dos fatos apresentados, um pequeno formulário foi entregue aos participantes, onde estes, foram convidados a responder dois questionamentos, o primeiro e que será alvo desse relato continha o seguinte enunciado: “O minicurso pôde contribuir com a sua formação? Se sim, como?”. Uma segunda questão, mas que não fará parte do presente relato tratava-se dos pontos positivos e a melhorar dentro do minicurso. Tendo em vista as diferentes noções sobre as contribuições do curso, um método de categorização que se entrelaça com a pesquisa qualitativa defendida por Minayo (2003) visou agrupar por compatibilidade as respostas dos indivíduos em quatro grandes áreas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo seguem as categorias obtidas a partir da análise das colocações dos e das participantes do minicurso sobre as questões apresentadas e discutidas durante o encontro. Ao todo, foram obtidas nove respostas para análise e estabelecimento de quatro categorias de acordo com a congruência de afirmações.

Formação histórico-cultural

Nesta categoria percebe-se a definição de um embasamento teórico dos principais elementos histórico-culturais na relação África - Brasil, considerando uma realidade histórica calcada na colonização e seus impactos na colonialidade do ser, saber e do poder que continuam sendo reproduzidas na sociedade, incluindo nas instituições escolares. As colocações permitem refletir sobre a necessidade de um resgate e ressignificação da história africana e afro-brasileira em sala de aulas, a partir de aspectos artísticos histórico-culturais, tal como se pode perceber nas colocações seguintes: *P1 - Sim. O minicurso foi muito rico, pois apresentou aspectos diversos que se relacionam diretamente com preconceitos enraizados na sociedade. Contribuiu com a contextualização histórica desde quando o processo se iniciou na África, até os dias atuais no contexto brasileiro. O minicurso fortaleceu minha confiança em trazer o tema para as salas de aula e para minhas relações cotidianas;*

P3 - Sim, acredito ser um assunto de extrema importância, que precisa ser sempre tratado e estudado. Para a formação de professores é essencial e o minicurso conseguiu trazer obras e falas que contribuíram muito para tal;

P4 - Contribuiu muito para expandir a visão e o "arsenal" de conteúdo sobre arte e história africana e afro-brasileira, sobretudo com a diversidade cultural presente. Precisamos conhecer o passado para melhorar o futuro, não repetindo os erros e sendo agentes de transformação e reparação social;

P7 - O minicurso trouxe alguns elementos fundamentais para a ampliação da visão, enquanto educador, de questões essenciais em relação à cultura africana. Permitindo um aprofundamento do tema durante as aulas. Ainda, os recursos utilizados



apresentam grande potencial pedagógico que, quando utilizados com cuidado, podem contribuir para a construção de conhecimentos.

Trazendo uma reflexão sobre o processo de escravatura e colonização, as colocações evidenciam que os ecos da ideologia que motivou o processo de exploração das colônias e foi sendo introjetada pelo povo dessas terras colonizadas ainda permanecem e continuam moldando a construção da visão de mundo. Assim, a história, a cultura e, no geral, a terra do povo colonizado, ainda que não seja mais uma colônia (oficialmente) continua sendo o que Fanon (1968) já explicava como “lugar de má fama” e uma série de questões negativas que reforçam a intencionalidade histórica de difamação e subserviência do povo e suas políticas ao colonizador. Mbembe (2016) refere que “a ‘ocupação colonial’ em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais”. Essas formas de relação não foram somente construídas a partir de uma nova civilização, mas sobretudo pela necessidade do abandono e apagamento da história e cultura nativa das colônias. Por isso que ao longo do tempo a história de escravidão e colonização do povo africano e seus descendentes tem, desde cedo, sido apresentada de forma superficial e romântica, muitas vezes ocultando a luta de resistência, as conquistas e contribuições deste povo na formação da sociedade brasileira independente e com elementos culturais identitários.

Nesse sentido, tendo em conta que o Minicurso foi desenvolvido no âmbito de um programa de formação de professoras e professores, foi notável, a partir das colocações e percepções destes que havia enorme desconhecimento da história e cultura africana e afro brasileira, ainda que o Brasil tenha respaldo legal para o ensino de cultura africana e afro brasileira na Educação Básica- Lei 10.639/03. Ou seja, ainda que se espere que o respaldo legal ressignifique a percepção da história e cultura africana e afro-brasileira, esta questão ainda continua sendo reduzida à escravatura e colonização como se somente disso se trata a existência do povo africano e afro brasileiro.

Assim, com o Minicurso, foi possível apresentar questões e elementos culturais que transcendem a escravatura e colonização, no sentido de pensar e contribuir para incorporação de discursos e práticas educativas contra hegemônicas. A formação inicial e continuada de professores na perspectiva histórico-cultural possibilita educadores mais humanizados, já que há a apropriação dos conceitos sobre a história e a cultura de determinada região ou povos estudados, garantindo sujeitos mais atuantes em sala de aula e na sociedade, agindo de forma que o coletivo prevaleça ao individualismo, pois ao se tratar de questões culturais são tratados valores, arte e outras questões subjetivas que humanizam o ensinar (MORETTI; MOURA, 2010).

Possibilidades didático-metodológicas

É possível definir esta categoria como estratégias pedagógicas para aplicações em sala de aula, evidenciando que o minicurso na formação inicial e continuada de professores pode possibilitar o contato com diferentes formas de abordagem sobre assunto, colaborando para um processo crítico e reflexivo sobre esse tema. Isso fica evidente nas falas dos participantes: *P2 - Sim, ter contato com possibilidades a serem trabalhadas em sala de aula;*

P3 - Sim, acredito ser um assunto de extrema importância, que precisa ser sempre tratado e estudado. Para a formação de professores é essencial e o minicurso conseguiu trazer obras e falas que contribuíram muito para tal;



P6 - O minicurso expôs a importância do reconhecimento da ancestralidade brasileira e seus reflexos na conjuntura contemporânea. A partir disso, eu como professor consigo enxergar mais possibilidades para trazer o tema à sala de aula;

P7 - O minicurso trouxe alguns elementos fundamentais para a ampliação da visão, enquanto educador, de questões essenciais em relação à cultura africana. Permitindo um aprofundamento do tema durante as aulas. Ainda, os recursos utilizados apresentam grande potencial pedagógico que, quando utilizados com cuidado, podem contribuir para a construção de conhecimentos.

As possibilidades didático-metodológicas, por consonância com FREIRE, 1968, melhoraram a visão e o entendimento dos professores sobre uma educação libertadora e elencando aspectos de trabalho para sala de aula.

Atividades como minicursos, encontros e mesas redondas na formação inicial e continuada de professores possibilitam a atualização das práticas pedagógicas em sala de aula, corroborando para uma efetiva aprendizagem com significados e atendendo as demandas da atual sociedade (RODRIGUES; BARBOSA DE ALMEIDA; MOURA, 2020).

Compreensão da realidade social e escolar

Formação de uma identidade sócio científica na busca da uma melhor interpretação do ambiente escolar é a definição desta categoria, observando nas afirmações dos participantes o reconhecimento de situações que acontecem na escola ou no seu entorno, onde é possível observar tais afirmações nas falas:

P1 - Sim. O minicurso foi muito rico, pois apresentou aspectos diversos que se relacionam diretamente com preconceitos enraizados na sociedade. Contribuiu com a contextualização histórica desde quando o processo se iniciou na África, até os dias atuais no contexto brasileiro. O minicurso fortaleceu minha confiança em trazer o tema para as salas de aula e para minhas relações cotidianas.

P5 - Sim. Ampliou a minha compreensão do quanto a escola precisa proporcionar, fortalecer e ampliar as discussões/aprendizados relacionado às questões raciais. Vejo que é trabalhado dentro da minha escola de forma muito fragmentada e não constante.

P6 - O minicurso expôs a importância do reconhecimento da ancestralidade brasileira e seus reflexos na conjuntura contemporânea. A partir disso, eu como professor consigo enxergar mais possibilidades para trazer o tema à sala de aula.

Com estas colocações, vale lembrar que a sociedade brasileira foi forjada num mito de democracia racial¹, onde se acredita que povos de proveniência étnica do continente africano e sua cultura convivem pacificamente com os povos que descendem de europeus, aqueles que outrora os colonizaram e buscaram apagar a história e distorcer o que restaria desta. Enquanto parte desta sociedade, a escola se configura como um lócus de reprodução de desigualdades sociais (Saviani, 2012) e, nesse sentido, podemos esperar que ela não reproduza a colonialidade do ser, saber e do poder? Então, as colocações evidenciaram que o enfrentamento em sala de aula passa pelo entendimento dessa realidade e pela necessidade de resgate da história que a história

¹ Democracia racial é um conceito discutido e descrito em obras como de Gilberto Freyre “Casa-Grande e Senzala” que pressupõe e defende que não existe racismo no Brasil, sendo a miscigenação um processo historicamente positivo.



não conta- a ancestralidade, a luta, as conquistas, até mesmo as contradições.

Em sequência, e com aproximação das discussões feitas por Rocha (2005), a escola tende a ser um sistema de manutenção do capitalismo e por consequência, do próprio racismo, aos olhares de Mbembe (2016). Contudo, ter consciência dessa realidade e trabalhar propostas antirracistas na formação inicial e continuada de docentes podem ser enfrentamentos importantes para estas questões na escola, dede que trabalhados de forma coletiva.

Síntese do projeto ao longo do semestre

Ademais, a síntese de todos esses processos também foi colocada como aliada de resistência, a fim de incorporar todos os elementos em busca de um ambiente escolar mais justo e com mais equidade, observando todos os elementos presentes nas categorias anteriores na fala: *P9 - Sim, pois este mobilizou os conteúdos discutidos nas reuniões durante o semestre, fazendo uma articulação propícia com questões atuais, possibilitando, então, uma síntese ideal de tudo o que foi produzido.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições do minicurso Diálogos África-Brasil na formação inicial e continuada de professores traz consigo um desejo de continuar lutando por uma educação de qualidade e que não cumpra com currículos previamente estabelecidos para enriquecimento político, e manutenção do poder. Vale ressaltar a importância de se pensar estratégias anticoloniais em diferentes metodologias de ensino, pautados pela educação crítica, indagando as estruturas e posicionando-se a favor da escola, para que todos possam ter seu direito garantido e frequentar um espaço inclusivo e com potencial transformador.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo Freire. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MORETTI, Vanessa Dias; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. A formação docente na perspectiva histórico-cultural: em busca da superação da competência individual. **Revista psicologia política**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 345-361, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 abr. 2023.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 1ª. ed. Rio de Janeiro, Vozes. 1999. FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1ª. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1968.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 2016.
- ROCHA, Andréa Pires. **Palco de conflitos: escola pública no capitalismo, aparelho hegemônico ou instrumento contra-hegemonia?** Universidade Estadual de Maringá. 2005.
- RODRIGUES, R. C.; BARBOSA DE ALMEIDA, N. M. C.; MOURA, S. R. Temas regionais e o ensino de Ciências a partir de Questões Sociocientíficas: com a palavra os professores em formação. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 11,



Poços de Caldas

7º Congresso Nacional de Educação

06 e 07 de Junho de 2023



n. 7, p. 399–420, 2020. DOI: 10.26843/10.26843/rencima.v11i7.2519. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/2519>. Acesso em: 29 abr. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21ª. ed. Rio de Janeiro, Vozes. 2002.